

## O SER COMO SUBSTÂNCIA EM ARISTÓTELES

THE BEING BY ARISTOTLE

Pedro Veras\*

### RESUMO

O presente trabalho se propõe a estudar e analisar o problema filosófico do ser enquanto ser e suas propriedades na obra *Metafísica*, de Aristóteles. Inicialmente, analisará como o filósofo grego concebe a ciência, compreendida como o conhecimento das causas, possibilitando, dessa forma, o estudo do ser. Logo em seguida, apresentará como ocorre a passagem do estudo do ser para o estudo da substância, destacando concomitantemente a sua centralidade para o estudo da metafísica, dado que é justamente a substância aquilo que confere cognoscibilidade ao ser. Em seguida, investigará as consequências daí oriundas, perpassando pela multiplicidade de significados da substância, ponto este não apenas incontornável dentro da *Metafísica*, mas também frisado pelo próprio Estagirita como um dos mais importantes. Por derradeiro, considerará todas as quatro dimensões possíveis de compreensão do ser dentro da obra, a saber, a ontológica, aitiológica, usiológica e teológica, sendo que esta última culmina no estudo da substância suprassensível.

Palavras-chave: Aristóteles; *Metafísica*; ser; substância; multiplicidade de significados.

### ABSTRACT

The present work proposes to study and analyze the philosophical problem of being as a being and its properties in Aristotle's work of *Metaphysics*. Initially, it will analyze how the Greek philosopher conceives science, understood as the knowledge of causes, thus making possible the study of being. Soon after, it will present how the transition from the study of being to the study of substance occurs, while simultaneously highlighting its centrality to the study of metaphysics, given that it is precisely the substance that confers cognoscibility to the being. Then, he will investigate the consequences arising there, going through the multiplicity of meanings of the substance, a point that is not only unavoidable within *Metaphysics*, but also emphasized by the Stagirite himself as one of the most important. Finally, it will consider all four possible dimensions of understanding the being within the work, namely, the ontological, aitiological, usiological and theological, the latter culminating in the study of the super-sensitive substance.

Keywords: Aristotle; *Metaphysics*; being; substance; multiplicity of meanings.

---

\* Graduado em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: [pedroveras27@gmail.com](mailto:pedroveras27@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

A pesquisa aqui proposta pretende apresentar e discutir o entendimento de Aristóteles sobre o estudo do ser enquanto ser e suas propriedades na obra *Metafísica*, fundamentada na tese de que ela é mais bem compreendida, considerando o caráter polivalente do ser, ao lado de uma unidade de fundo que dá coesão à totalidade da obra.

No primeiro momento, propõe-se uma discussão a respeito do entendimento do filósofo grego sobre a ciência no livro A, pois esta constitui a base que guiará o raciocínio no estudo do ser. Nesse sentido, Aristóteles argumenta que o conhecimento significa conhecer as causas e os princípios supremos, por isso, a ciência é a busca de causas, e a metafísica seria o conhecimento das causas e princípios supremos.

Em seguida, será analisado como o ser tende à substância. Para isso, será analisada a passagem do estudo do ser para o da substância, ou seja, a tese aristotélica de que perguntar pelo ser é o mesmo que perguntar pela substância, tese central do livro Z.

Na seção que se segue, pretende-se discorrer sobre as implicações dos problemas relativos à substância. Nesse ponto, será abordado o encontro da ontologia com a usiologia, já que se encontra nelas o mesmo objeto de estudo, bem como a emergência da questão da linguagem dentro da *Metafísica*, pois é a partir dela que se pode reconhecer a realidade posta pela substância.

A seção final apresenta a definição de Aristóteles sobre a metafísica e argumenta que a referida definição é inseparável do caráter polivalente do ser, bem como há de se compreender o ser considerando suas quatro dimensões: a ontológica, a aitiológica, a usiológica e a teológica. Daí, segue-se a substância suprassensível que é o Motor Imóvel, a inteligência que pensa a si mesma.

## CARACTERIZAÇÃO DA CIÊNCIA PARA ARISTÓTELES

Antes de adentrar propriamente no estudo do ser e da substância, Aristóteles procura caracterizar a ciência — ponto fundamental no desenvolvimento da *Metafísica*, pois constitui a base da atividade científica do homem, em especial no estudo do ser. O Estagirita inicia sua reflexão afirmando que todos os homens tendem ao saber, e a prova disso é que o homem ama as sensações, privilegiando mais a visão em detrimento dos outros sentidos (ARISTÓTELES,

2015, *Metafísica A*, 980a)<sup>1</sup>, uma vez que ela proporciona melhor conhecimento ao homem e torna manifesta uma multidão de diferenças. O filósofo grego estabelece como estágio seguinte às meras percepções sensoriais a memória; o posterior — pertencente apenas ao homem — é a experiência, composta pela junção de várias memórias a respeito de um mesmo objeto; num patamar acima, encontra-se a arte que “se produz quando, de muitas observações da experiência, forma-se um juízo geral e único passível de ser referido a todos os casos semelhantes” (*Metph I*, 981a 5). No grau mais elevado de conhecimento, encontra-se a ciência (a *sofía* – sapiência), entendida como o conhecimento das causas primeiras.

Assim, a caracterização da ciência segundo o Estagirita é fundamental para o estudo do ser e da substância, pois direciona a supremacia do conhecimento dos princípios primeiros e universais.

## **PASSAGEM DO ESTUDO DO SER PARA O DA SUBSTÂNCIA**

Esclarecida a questão da ciência segundo Aristóteles, é possível, doravante, analisar o problema referente ao estudo do ser, bem como sua passagem para o estudo da substância. O Estagirita escreve aquilo que a historiografia filosófica considera a primeira definição do termo metafísica, embora tal nomenclatura seja posterior à sua obra e o filósofo se refira a ela como filosofia primeira (*Metph IV*, 1, 1003a, 20), afirmando a existência de uma ciência que considera o ser enquanto ser e suas propriedades. Acrescenta ainda que ela não se identifica com nenhuma das ciências particulares, pois são limitadas a apenas uma parte do ser. Ao invés, a metafísica considera o ser universalmente enquanto ser.

A partir desse ponto, percebe-se que o estudo do ser é fundamentalmente diferente do estudo das outras ciências. O filósofo grego (*Metph IV*, 2, 1003a 31 - 1003b 6), logo em seguida, dá continuidade à sua tese, afirmando que o ser se diz em múltiplos sentidos, porém, sempre em referência a uma unidade e a uma realidade determinada — que não se reduz a mera homonímia. Como exemplo, diz que chamamos “salutar” tudo o que se refere à saúde.

Essa fórmula apresentada por Aristóteles resolve o problema do estudo do ser ou acarreta ulteriores dificuldades? Tal modelo apresentado pelo Estagirita parece ser

---

<sup>1</sup> Doravante, neste texto, vamos nos referir à obra *Metafísica*, de Aristóteles edição 2015 da seguinte forma: *Metph*, seguida da numeração universal.

problemático, pois o termo “enquanto” não aponta para uma certa generalidade (como é o caso das ciências particulares), e sim para uma relação. Nesse sentido, Vieira (1995, p. 156) escreve que o “existir” referido na obra de Aristóteles não é o corpóreo ou material e sim aquele que representa tudo a que podemos fornecer predicados; logo, só é possível dizer que algo existe se podemos defini-lo.

Assim, o que se pode compreender da filosofia aristotélica até este ponto? Com base no que foi sustentado até aqui, há de extrair que as ciências particulares estudam uma parte determinada do ser — não sua totalidade —, ao passo que a metafísica se dedica ao estudo do ser enquanto ser e suas propriedades, ou seja, o próprio ser em sua totalidade e não apenas uma parte especificamente, como o fazem as matemáticas. Não apenas isso, mas revela também que o ser, ainda que expresso de modos diferentes, sempre se refere a algum princípio que os une, isto é, sempre relacionado a algo que se possa predicar à substância — termo este referido na *Metafísica* pela palavra grega *sophia*.

Dessa forma, entende-se que, para Aristóteles (*Metaph* VII 1, 1028b 2-4), perguntar pelo ser é o mesmo que perguntar pela substância, isto é, a resposta para o problema “o que é o ser?” pode ser por meio da pergunta “o que é a substância?”, pois elas se equivalem. Essa tese é trabalhada a partir do livro Z da *Metafísica*, já totalmente dedicado ao problema filosófico implicado pela substância, em que o filósofo grego (*Metaph* VII 1, 1028a 15) diz que o primeiro significado do ser é o de essência, e esta indica a substância.

Apesar de parecer natural que o livro Z apresentaria respostas para o estudo da substância, o Estagirita, na verdade, expõe problemas ulteriores desse mesmo estudo, pois ele revela novamente a multiplicidade de significados da substância, expondo seu caráter polivalente.

Portanto, nota-se que Aristóteles pretende abordar o problema da passagem do estudo do ser para o estudo da substância a partir da concepção da existência de uma ciência capaz de englobar todo o ser — diferentemente da matemática que dedica seu estudo a apenas uma parte determinada — e que perguntar pelo ser é o mesmo que perguntar pela substância. Dessa forma, o Estagirita, conforme expresso no início desta seção, afirma que o ser pode ser dito de muitos modos, porém sempre tendo em vista uma generalidade, de tal modo que isso seja invariavelmente referente à substância. Essa questão, porém, não é uma tarefa simples na *Metafísica*, pois tanto a componente teológica quanto a pergunta sobre o que é a substância ainda não são satisfatoriamente respondidas.

## IMPORTÂNCIA DA SUBSTÂNCIA NA METAFÍSICA ARISTOTÉLICA

A questão da substância consiste no problema central da *Metafísica*. E por que ela é tão relevante na obra de Aristóteles? Como exposto anteriormente, a substância é definida de modos diferentes, os quais são aparentemente contraditórios ou, pelo menos, confusos entre si. No entanto, a usiologia aristotélica se mostra mais coerente e lógica do que possa parecer inicialmente, pois esse problema revela o caráter polissemântico do pensamento do Estagirita.

Desse modo, nota-se que a problemática da substância revela igualmente a marca do pensamento do filósofo grego. Não obstante, Aristóteles (*Metaph VII, 1, 1028a 30*) ainda afirma a absoluta prioridade da substância logo no início do livro Z, de acordo com três critérios, a saber, pela noção — no sentido de definição —, pelo conhecimento e pelo tempo. Assim, pode-se dizer que o papel central da substância consiste no aspecto fundamental do ser, pois a partir dela o apreendemos — já que é dele que se predica — e extraímos sua cognoscibilidade. O Estagirita (*Metaph VII, 1, 1028a 21-32*) explica isso, argumentando que o ser somente o é em virtude dos predicados da categoria da substância — que possui diversos significados —, ou seja, o ser é, por excelência a substância. Repare que neste ponto Aristóteles afirma o caráter polissemântico da substância.

Portanto, com base no que foi até aqui exposto, verifica-se a importância da substância para a metafísica aristotélica: para além de representar o cerne de todo o pensamento do filósofo grego, também é o ponto-chave para a compreensão do problema tratado ao longo da obra aqui em estudo. Isso porque, como já exposto anteriormente, é um termo com vários significados, mas é a partir dessa polivalência que o ser adquire sua cognoscibilidade.

## IMPLICAÇÕES DO PROBLEMA RELATIVO À SUBSTÂNCIA

Dentro da obra *Metafísica*, resta ainda investigar a seguinte pergunta: quais são as implicações da substância no estudo do ser?

A partir da substância, emerge a dimensão ontológica de forma mais clara. Essa questão já fora apresentada no livro  $\theta$ . Aristóteles (*Metaph IV, 2, 1003b 16-19*) afirma que a ciência tem como objeto, essencialmente, aquilo que é primeiro; se o ser é primeiramente a substância, o filósofo deverá investigar as causas e princípios da substância.

Isso é significativo para compreender as implicações da substância no estudo do ser,

pois há uma mescla estrutural entre a dimensão ontológica e usiológica dentro dessa obra. Importante salientar que nesse ponto Aristóteles muda a direção do estudo do ser. Isso porque a busca pela substância será, doravante, o objeto de estudo primordial da metafísica.

Assim sendo, a partir livro IV o filósofo grego escreve que o ser se diz de vários modos, porém sempre relativo a uma generalidade. Dentre essas variadas formas de dizê-lo, a substância é a primeira delas, pois é justamente a partir desse ponto que emerge a possibilidade de conhecer o ser, daí sua prioridade. Então, no livro Z, Aristóteles começa a explorar a fundo os problemas relativos à substância e, em alguma medida, começa igualmente a responder os problemas colocados nos livros anteriores, notadamente no  $\theta$ . Assim, o Estagirita sustenta a tese de que o ser tende à substância — e a implicação disso é que a generalidade do ser indicada no quarto livro da *Metafísica* começa a ganhar cognoscibilidade com a substância.

Desse modo, Aristóteles demonstra que é exatamente a substância que faz da matéria ou do ser algo determinado, e isso ocorre com a substância, entendida nesse ponto como seu significado de forma. Nesse ponto é importante observar a explicação dada pelo comentário de Reale (2014, p. 416), no qual esclarece que quando se pergunta corretamente o porquê de algo, indaga-se por que algo compete ou se refere a algo diverso, ou ainda por que uma determinada matéria ou partes dela constituem uma determinada coisa.

Não obstante, emerge igualmente desse ponto no pensamento aristotélico, como consequência da substância no estudo do ser, a questão da linguagem dentro da *Metafísica*. No tocante a essa questão, é valiosa a contribuição de Vieira (1995, p. 160-161) em que aborda tal problema, argumentando que aquilo que está em jogo na teoria da substância é um projeto filosófico de universalidade máxima, e este se realiza na explanação da estrutura ontológica da realidade — estrutura essa que serve de fundamento para a linguagem e para o pensamento. A autora ainda sustenta que a cognoscibilidade do ser a partir da substância somente seria identificável a partir da linguagem.

Portanto, pode-se entender que as implicações da substância no estudo do ser tratam, primeiramente, de um encontro da dimensão ontológica com a usiológica, pois os múltiplos significados do ser presumem um significado primeiro e fundamental, e este é condicionado pela substância, ou seja, encontra-se na ontologia e usiologia aristotélica o mesmo objeto de estudo. Assim, emerge também da filosofia aristotélica a questão da linguagem, na qual a substância somente seria identificada a partir da linguagem, já que com ela pode-se

reconhecer a realidade dada pela substância. Isso apenas é comprovado na leitura da *Metafísica* tendo em mente uma unidade especulativa de fundo em toda a obra.

## O CARÁTER POLIVALENTE DO SER

A partir desse ponto, pode-se notar, Aristóteles começa a desenvolver o conceito de metafísica nas suas quatro dimensões, sendo elas a ontológica, a aitiológica, a usiológica e a teológica. Desse modo, o Estagirita prossegue analisando mais a fundo sua definição, mostrando pela primeira vez na obra a mescla entre a ontologia e a aitiologia, tornando possível o estudo do ser a partir de sua definição. O próprio Aristóteles (*Metph* IV, 1, 1003a 26-30) sustenta que se as ciências buscam as causas e os princípios, logo a ciência do ser enquanto ser deve buscar também suas causas e princípio, que são supremos.

Note-se que a definição de metafísica apresentada por Aristóteles implica necessariamente um encontro entre a ontologia e a aitiologia, do qual se mostra fundamental para o desenvolvimento do estudo do ser. Isso porque, tal como explicado por Reale (2014, p. 152), os princípios buscados pela sabedoria (*sophia*) são primeiros e supremos, isso consequentemente os torna totalmente condicionantes, logo esses princípios estudados pela metafísica aristotélica são capazes de explicar a realidade no seu conjunto, ou seja, todo o ser — e não apenas uma parte determinada —; daí a formulação do Estagirita em definir a metafísica como ciência do ser enquanto ser.

A partir do conceito aristotélico de metafísica, é preciso igualmente considerar a dimensão ontológica como inseparável da dimensão usiológica, oriunda do estudo do ser enquanto ser. Como já demonstrado nas seções anteriores, trata-se do ponto mais importante de toda a obra *Metafísica*, justamente porque a substância, não somente dá cognoscibilidade ao ser como também a investigação pela substância equivale à investigação pelo ser. É de igual relevância a dimensão teológica da metafísica aristotélica, pois é justamente esse o ponto inicial por onde o filósofo grego consegue investigar e distinguir a substância sensível e a suprassensível.

Assim, note-se que o filósofo grego coloca em questão se a ciência do ser enquanto ser pertence ou não à física. Após concluir negativamente, demonstra haver a necessidade de uma ciência separada que aborde o divino, o Princípio primeiro, logo a componente teológica emerge. Aristóteles (*Metph* VI, 7, 1064b 1-6) dá continuidade ao seu raciocínio:

É claro, portanto, que existem três gêneros de ciências teóricas: física, matemática e teologia. Ora, entre todos os gêneros de ciências o gênero das ciências teóricas é o mais excelente, e entre as ciências teóricas a última ilustrada é a mais excelente, porque tem por objeto aquele ser que vale mais do que todos, e toda ciência é qualificada como superior ou inferior com base em seu objeto.

A partir dessa separação dos três gêneros de ciências teóricas, o Estagirita estabelece que o estudo da metafísica, isto é, o do Princípio primeiro, seria superior ao da física, justamente porque é a realidade anterior que fundamenta todo o ser. Ainda é importante salientar que o estudo do ser não se esgota nem na definição de metafísica apresentada por Aristóteles, nem nas quatro dimensões que o filósofo compreende o ser, este é, antes, o raciocínio que sustenta e confere unidade a essa obra.

Dando sequência ao desdobramento da definição de ser segundo o Estagirita, Reale (2013, p. 34-36) destaca cinco formas com que Aristóteles caracteriza o ser: em primeiro lugar, ele não pode ser entendido univocamente; em seguida, há de se tomar o cuidado de não entender a referida multiplicidade do ser como mero homônimo; mas, o ser também não é gênero nem espécie, trata-se de um conceito mais amplo e extenso que ambos; a seguir, e esse é o ponto mais importante, o ser se exprime de diversos modos, porém tendo uma precisa relação com um idêntico princípio ou uma idêntica realidade, ou seja, os vários sentidos de ser implicam uma referência a algo que é uno; por derradeiro, esse algo uno é a substância, pois os múltiplos significados de ser derivam do fato de serem ditos sempre em relação à substância.

Portanto, pode-se deduzir que a definição de metafísica apresentada por Aristóteles como a ciência que estuda o ser enquanto ser e suas propriedades somente pode ser compreendida considerando a multiplicidade de seus significados — e isso é inerente ao estudo do ser em qualquer uma das quatro dimensões acima consideradas.

## **A SUBSTÂNCIA SUPRASENSÍVEL E O MOTOR IMÓVEL**

O sentido aristotélico do ser, como já demonstrado, implica fundamentalmente uma multiplicidade de significados. Também foi demonstrado que, segundo Aristóteles, a pesquisa pelo ser e pela substância se equivalem. No entanto, resta a pergunta: existe somente a realidade física, ou também alguma outra além desta, implicando uma substância suprassensível? Nesse sentido, Aristóteles (*Metph* XII 1, 1069a 31 - 1069b 2) diz que existem três gêneros diferentes de substância: uma é a substância sensível, que se distingue em (i) eterna e (ii) corruptível, que

todos admitem sua existência e a (iii) substância imóvel. As duas primeiras pertencem à física, e a outra à metafísica.

Desse modo, abre toda uma nova problemática na obra *Metafísica* a partir deste ponto: com a demonstração da substância suprassensível, o filósofo grego começa a investigar como tais substâncias devem ser concebidas, para que possam ser consideradas como a referida substância suprassensível.

Esclarecida a problemática desenvolvida pelo Estagirita, pode-se notar que o Motor Imóvel resta somente ser qualificado como pensamento de pensamento, aquilo que há de mais excelente. E aqui a dimensão teológica da *Metafísica* assume seu ápice — daí a importância de se compreender a obra dentro do contexto da multiplicidade de significados. Isso é o que podemos auferir do seguinte trecho escrito por Aristóteles (*Metph.* XII 7, 1072b 17-24):

Ora, o pensamento que é pensamento por si tem como objeto o que por si é mais excelente, e o pensamento que é assim maximamente tem como objeto o que é excelente em máximo grau. A inteligência pensa a si mesma, captando-se como inteligível: de fato, ela é inteligível ao intuir e ao pensar a si mesma, de modo a coincidirem inteligência e inteligível. A inteligência é, com efeito, o que é capaz de captar o inteligível e a substância, e é em ato quando os possui. Portanto, muito mais do que aquela capacidade, o que de divino há na inteligência é essa posse; e a atividade contemplativa é o que há de mais prazeroso e mais excelente.

Portanto, a substância suprassensível procurada por Aristóteles é, por excelência, o estudo do Motor Imóvel, que pensa a si mesmo, tornando justamente essa substância suprassensível o Deus que pensa a si mesmo, o ponto em que a Inteligência e o inteligível coincidem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer deste trabalho, estudou-se como Aristóteles concebe e estuda o ser na obra *Metafísica*. Esse tema, devido à sua complexidade e importância na obra do filósofo grego, perpassa pela definição aristotélica de ciência que viabiliza a investigação pelo ser, bem como a passagem do estudo do ser para o da substância, suas respectivas consequências e a definição de metafísica considerando o caráter polivalente do ser, por conseguinte o da substância. Finalmente, tal reflexão culmina na análise de substância suprassensível.

Tendo em vista que as explicações do Estagirita a respeito do ser e da substância são às

vezes contraditórias, e aquelas apresentadas ao longo da obra se mostram insuficientes para solucionar os problemas filosóficos abordados na *Metafísica*, o entendimento de que ela é composta por uma unidade especulativa de fundo que une toda a obra ganha aqui destaque para compreender as ideias de Aristóteles. Foi igualmente relevante considerar todas as quatro dimensões do ser, sendo elas a ontológica, usiológica, aitiológica e teológica, sendo que esta última é o estudo do Motor Imóvel. Isso porque o próprio entendimento do filósofo grego a respeito do ser se mostrou ser fundamentalmente inseparável dessas quatro instâncias supramencionadas.

Portanto, conclui-se deste trabalho que o estudo do ser enquanto ser e suas propriedades equivale ao estudo da substância, bem como a compreensão da profundidade e da complexidade do problema filosófico a respeito do ser na obra *Metafísica* ganha maior coerência se considerá-la nas quatro dimensões, visto serem inseparáveis, somada a uma unidade especulativa de fundo, já pretendida pelo próprio Aristóteles.

## REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**. Texto grego com tradução para o Italiano de Giovanni Reale. Tradução para o português de Marcelo Perine. 5. ed. São Paulo: Loyola 2015. v. 2.

REALE, Giovanni. **História da filosofia grega e romana**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2013. v. IV.

REALE, Giovanni. Sumários e comentários. *In*: ARISTÓTELES. **Metafísica**. Tradução para o português de Marcelo Perine. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2014. v. 3.

VIEIRA, Susana Amaral. O livro Γ da Metafísica de Aristóteles: Ontologia: a Ciência do Ser enquanto Ser. **Princípios: Revista de Filosofia**, UFRN, Natal, v. 2, n. 03, p. 155-165, 1995.